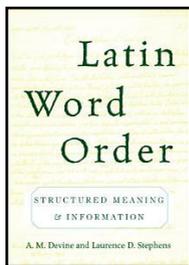


**DEVINE, A. M.; STEPHENS, LAURENCE D. (2006):
LATIN WORD ORDER: STRUCTURED
MEANING AND INFORMATION**

José Mario Botelho (FFP-UERJ)

botelho_mario@hotmail.com



DEVINE, A. M.; STEPHENS, Laurence D. (2006). *Latin word order: structured meaning and information*. A New York: OUP, 2006. 639pp.

\$138,99

<https://www.amazon.com/Latin-Word-Order-Structured-Information/dp/0195181689>

Desde as publicações de Jules Marouzeau sobre a ordem das palavras em latim – todas publicadas entre 1907 e 1953 –, que não vinha a público uma obra tão útil como esta de Devine e Stephens; não só porque se trata de um tema muito específico e que deve despertar interesse a um número restrito de estudiosos, mas principalmente porque se refere a um tema de difícil compreensão. Tamanha é a dificuldade que ainda não se chegou a uma definição quanto à classificação da tipologia da língua latina, que muitos a tem como uma língua de ordem livre.

Antes de Marouzeau (1907; 1922; 1941; 1949; 1953), Abel (1871) ensaiou uma proposta, e, mais tarde, muitos outros apresentaram as suas propostas, a saber: Adams (1971; 1976), Neubourg (1978), Rubio (1982), Panhuis (1982), Fugier (1983), Cabrillana Leal (1991; 1993), Hoff (1994; 2002), Lisón Huguet (2001), Baños e Cabrillana Leal (2001), Bortolussi (2006), Spevak (2010), entre tantos outros. Nesse ano de 2006, nos chegou esta obra de Devine e Stephens, que, embora não ponha fim à celeuma, apresenta uma conveniente análise do problema da ordem das palavras em latim.

Convém observar que os autores nos alertam, em seu prefácio, sobre a complexidade do tema:

A ordem das palavras não é um assunto que qualquer leitor de latim possa dar-se ao luxo de ignorar: antes de tudo, a ordem de palavras é o que nos conduz de frases soltas a um texto coerente. Ler um parágrafo latino sem atenção à ordem das palavras implica perder o acesso a uma dimensão in-

teira de significado ou, na melhor das hipóteses, usar procedimentos inferenciais para adivinhar o que realmente está codificado abertamente na sintaxe (DEVINE; STEPHENS, Prefácio, 2006, p. v)

A obra é dividida em seis capítulos, além de uma longa Introdução (p. 3-35), em que os autores apresentam certos conceitos, relacionados à colocação de palavras, e afirmações, que anunciam o seu ponto de vista sobre o tema a ser desenvolvido.

Por exemplo, a partir de quatro estruturas equivalentes (*caesarem brutus occidit; brutus caesarem occidit; occidit brutus caesarem; caesarem occidit brutus*), afirmam: “o significado semântico codificado pela morfologia é o mesmo em todas as quatro frases” (p. 3). Certamente, o aspecto morfológico não varia de uma frase para outra, uma vez que o significado lexical de cada constituinte daquelas frases também não varia. No entanto, observam que “o significado pragmático (informacional), que é codificado pela ordem das palavras, realmente varia de uma frase para outra e, conseqüentemente, as sentenças têm diferentes ordens de palavras” (p. 3-4).

Logo, pode-se esperar que esta proposta se fundamente nos estudos de Pragmática com o foco na teoria funcional. Por isso, logo no início dessa Introdução, Devine e Stephens declararam que para os seus propósitos vão adotar um esquema de valor pragmático, em que se enfatizam três categorias básicas pragmáticas: foco (a informação nova), tópico (a informação antiga) e cauda (a informação antiga). Também adotarão a noção de foco fraco e foco forte (simples, contrastivo ou contra-assertivo) e a noção de tópico (forte ou fraco), sendo que tanto o tópico quanto o foco não são mutuamente exclusivos, já que o tópico forte também pode ser focalizado de forma contrastiva (p. 14).

Ainda nessa Introdução, os autores apresentam um longo subitem sobre a noção de “Semântica e significado pragmático”, em que afirmam que “a semântica para o foco se aplica, se a linguagem normalmente separa o foco do pressuposto (co-foco) na sintaxe (como em latim) ou normalmente mantém o foco *in situ* (como em inglês)” (p. 22).

Para Devine e Stephens, existem três possíveis perspectivas sobre a “livre” ordem de palavras. Contudo, observam que

[...] a ordem de palavras em latim é gramaticalmente livre, mas pragmaticamente fixa, enquanto a ordem das palavras em inglês é pragmaticamente livre, mas gramaticalmente fixa... onde divergem ordem gramatical e ordem pragmática não é possível expressar os dois ao mesmo tempo numa única ordem de superfície. (DEVINE; STEPHENS, 2006, p. 23)

Em seguida, desenvolvem um pequeno subitem sobre “Estrutura sintática” e esclarecem inicialmente que não vão tratar da sintaxe latina propriamente, mas das “funções sintáticas do latim como um veículo de sentido pragmático e semântico” (p. 25).

Neste subitem, os autores afirmam que “um dos traços característicos da sintaxe latina é que ela tem pragmaticamente definido as projeções funcionais superordenadas para XP que são transcategoriais” (p. 25) e no minúsculo subitem sobre “Estrutura prosódica”, informam que acrescentaram algumas observações muito breves sobre a estrutura prosódica, em virtude de terem reconhecido “a possibilidade de as perturbações da ordem das palavras serem desencadeadas por exigências prosódicas” (p. 29-30).

Finalizando essa longa Introdução, apresentam as 45 notas explicativas e em seguida, iniciam o Capítulo 1 (**Argumentos de verbos** – p. 36-144).

Como se pode deprender do título desse primeiro capítulo, trata-se de um estudo dos complementos e complementações de verbos e o termo “sujeito” é o primeiro subitem desse capítulo e parece ser o termo de maior importância nesse estudo. Tanto o é que no texto de apresentação do capítulo, afirmam que “o suporte para a posição de que o latim tem uma ordem neutra baseia-se na evidência empírica apresentada neste capítulo” (p. 37).

Iniciam o subitem “1.1. Sujeitos”, observando que “em latim também o sujeito tipicamente precede aos demais argumentos” (p. 37).

Tratam dos tipos de adjunção que podem envolver o embaralhamento ou a topicalização e dos diversos deslocamentos do sujeito e recorrem ora à teoria pragmática, ora a teoria gramatical, para justificar um caso de deslocamento do termo sujeito.

Quanto ao fato de a ordem de palavras em latim ser apenas aleatória (subitem 1.5 – Análise estrutural), afirmam que não, porquanto uma ordem padrão surge dos dados e que essa ordem padrão, confrontando as várias estruturas de argumentos analisadas, tem a seguinte ordem geral: Subj DO IO/Obl Objetivo/Fonte Nonref-DO V (p. 79).

Para os autores, “a ordem fixa indica a existência de uma estrutura: para a ordem de palavras em latim os argumentos não são apenas um conjunto desordenado de papéis temáticos” (p. 83). Também acreditam que o “embaralhamento” é um tipo de argumentação intermediária, que

se estabelece “entre a argumentação padrão de baixo nível de ordem neutra de palavras e a argumentação muito mais marcada de topicalização” (p. 99).

Também finalizam esse primeiro capítulo com a apresentação de notas explicativas (135 notas ao todo) e iniciam o Capítulo 2 (**Posições dos verbos** – p. 145-224), que não acrescenta nada de novo aos estudos sobre a posição que o verbo ocupa na estrutura latina.

Passam, então, a desenvolver o Capítulo 3 (**Argumentos fortes e fracos** – p. 224-313), em que se enfatiza um tipo de disjunção, que constitui uma figura de sintaxe comumente chamada de “quiasmo”, que Devine e Stephens definem como sendo “uma série assimétrica de funções gramaticais (p. 244). Mais adiante, observam que o quiasmo também pode ocorrer em estruturas paralelas cada uma com seu próprio verbo. (p. 245) e fazem uma asserção importante em relação a essa assimetria: “O quiasmo é assimétrico em relação a funções gramaticais, mas é simétrico em relação a funções pragmáticas.” (p. 245).

Ainda neste terceiro capítulo, os autores tratam da relação de certos advérbios com o foco (3.2 – Associação com foco) e do uso de pronomes (3.3 – Pronomes fracos) como foco ou tópico. E finalmente, como de praxe, apresentam as notas explicativas ao final do capítulo.

Inicia-se, pois, o Capítulo 4 (**Argumentos de nomes** – p. 315-402). Primeiramente, tratam do grupo nominal (4.1 – sintagma nominal), em que se desenvolvem estudos em torno do substantivo (de ação, agentivo, relacional, genitivo possessivo e partitivos).

Em seguida, em “4.2 – Análise estrutural”, refletem acerca de quatro diferentes teorias (da estrutura mínima, da estrutura máxima, funcional e prosódica), que, segundo Devine e Stephens, poderiam ser propostas para darem conta do padrão de distribuição dos dados apresentados no presente capítulo.

Em relação a “teorias para o latim”, os autores advertem “aqueles que acham que a sintaxe é um amontoado de sequência linear (ou que a estrutura do sintagma latino é plana), de que tudo o que se precisa é de duas posições, as quais podem hospedar o núcleo ou o complemento” (p. 380). Porém, se se acredita que a sintaxe é hierarquicamente estruturada, “são necessárias pelo menos três posições, as quais permitem que o complemento se mova de uma posição referente ao núcleo para uma posição que a precede” (p. 380).

De fato, os complementos que se movem para a esquerda do núcleo são frequentemente de foco. Daí, afirmam os autores:

O primeiro é para relaxar a exigência de uma correlação um para um entre o valor pragmático e a posição sintática; nós chamaremos isto de teoria da estrutura mínima [...]. A segunda estratégia (que, como já observamos, foi usada em vários pontos da análise de dados acima) é para criar várias posições pragmaticamente dedicadas [...]. A terceira estratégia é a teoria funcional: esta teoria reduz o número de diferentes estruturas permitidas na teoria de estrutura máxima, forçando a evacuação parcial ou completa da projeção de XP básica [...]. A quarta estratégia é a teoria prosódica. Nesta abordagem não é a pragmática, mas a fonologia, que desencadeia o movimento e determina seu local de pouso; A pragmática prepara o cenário para o movimento, mas a prosódia realmente o motiva [...]. (DEVINE; STEPHENS, 2006, p. 380)

Depois de apresentar em “4.3 – Sintagma adjetival”, em que se discorre sobre alguns adjetivos, finalizam esse quarto capítulo também com a apresentação das notas explicativas.

No Capítulo 5 (**Modificadores** – p. 403-523), como sugere o referido título, os autores desenvolvem um longo e consistente estudo sobre o constituinte Adjetivo (A) e sua colocação em relação ao seu núcleo substantivo (N). Logo, eles tratam do constituinte periférico e a considerável variação entre a posição pré-núcleo e pós-núcleo dentro do sintagma nominal latino. Afirmam que esta variação “não é aleatória, uma vez que alguns adjetivos são na sua maioria pré-modificadores (AN) e outros principalmente pós-modificadores (NA), e outros mais eventualmente distribuídos entre os dois” (p. 403). Segundo Devine e Stephens, os fatores precisos que condicionam essa variação são pouco precisos e que “fatores pragmáticos, como foco, são apenas parte do que se pode evidenciar” (p. 403).

A importante constatação de uma unidade semântica que se estabelece com as diferentes maneiras de combinação na ordem dos adjetivos em relação ao núcleo substantivo, realça a noção semântico-sintática deste capítulo. Daí, afirmarem os autores que “o significado de um sintagma nominal, que contém um substantivo mais um desses adjetivos, é apenas a conjunção da propriedade do substantivo e da propriedade do adjetivo ambas predicadas da mesma entidade: $\lambda\chi. N(\chi) \wedge A(\chi)$ ” (p. 404). Portanto, a interpretação do adjetivo dependente da sua posição em relação ao seu núcleo substantivo e, particularmente, do substantivo com que ele combina.

Em seguida, passam a descrever os tipos de adjetivos. Em “5.1 –

(Adjetivos) Intersectivos”, sob a alcunha de “adjetivos de material” discorrem sobre as especificidades semânticas desses modificadores, analisando uma série de exemplos de diferentes autores latinos. Em “5.2 – Adjetivos de nomes próprios”, analisam outros tantos exemplos e, em particular, os adjetivos de nomes pessoais em César e em Cícero. Depois, em “5.3 – Idade e avaliação”, analisam exemplos com os adjetivos “*vetus, novus, superior* e *gravis*”. Ainda neste capítulo, em “5.5 – Análise estrutural”, discorrem sobre as teorias para o latim, sugeridas em 4.2 (da estrutura mínima, da estrutura máxima, funcional e prosódica). Após o “5.6 – Quantificadores e demonstrativos”, finaliza este capítulo com a apresentação das 59 notas explicativas.

Finalmente passa para o último Capítulo (6 – **Hipérbato** – p. 524-630). Como já esclarece o título do capítulo, trata-se do estudo de um tipo de deslocamento de termos constituintes de um dado sintagma, que causa uma descontinuidade sintagmática. Segundo os autores, essa “descontinuidade sintagmática, tradicionalmente chamada de hipérbato nos estudos clássicos, é talvez a característica mais distintivamente alienígena da ordem de palavras em latim” (p. 524).

Iniciam o capítulo, observando que a Gramática Gerativa, considerava a ordem livre dos argumentos um “embaralhamento”. Observam, porém, que “faz mais sentido interpretar os elementos descontínuos do hipérbato nas posições nas quais a sintaxe colocou-as na base de seus valores pragmáticos” (p. 524) e que se pode estabelecer a relação semântica entre os elementos do hipérbato através de uma ligação variável. De fato, pode-se fazer uma comparação com um pré-modificador do latim, que pode emergir para um sintagma de foco projetado na margem esquerda de constituintes variavelmente aumentados, contendo o substantivo que ele modifica. Daí, afirmarem que “a posição de foco pode ser projetada localmente no sintagma nominal estendido, mas também pode ser uma projeção de foco de nível de cláusula mais elevada em hipérbato” (p. 524-5).

Em seguida, passam a discorrer sobre tipos de hipérbatos, descrevendo e esquematizando-os.

Em “6.1 – Hipérbato de genitivo”, observam a inadequação em se atribuir uma única estrutura sintática uniforme ao hipérbato de genitivo, já que a ordem superficial desse fenômeno varia bastante. Também observam que é principalmente a estrutura pragmática que conduz a variação da ordem das palavras em latim. (p. 525).

Depois das descrições de outros tipos de hipérbato, Devine e Stephens apresentam o subitem “6.6 – Análise estrutural”, em cujo desenvolvimento discutem a questão de como essas estruturas com hipérbato interagem com suas respectivas interpretações semânticas. Os autores esclarecem que tal noção “surgiu de sua análise do hipérbato pré-modificador que, na prosa clássica, essa construção (com hipérbato) existe para permitir que um modificador de foco forte alcance seu cofoco (que, no tipo mais comum, inclui o substantivo da cauda modificado)” (p. 591).

Depois dessa breve discussão, ilustrando com exemplos de diferentes autores clássicos, finalizam o capítulo e, conseqüentemente, a obra, sem fazerem um item de conclusão ou considerações finais.

Por fim, espero ter oferecido, com esta resenha, um reflexo fidedigno dessa importante obra de Devine A. M. e Laurence D. Stephens, aos quais agradeço e felicito, de modo que possa despertar em todos o interesse pela leitura da referida obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEL, Carl. *Über einige Grundzüge der lateinischen Wortstellung*. 2. Auflage. Berlin 1871.

ADAMS, James Noel. A typological approach to Latin word order. *Indogermanische Forschungen*, 81, 1976. p. 70-100

_____. A type of hyperbaton in Latin prose. *‘Proceeding’ of the Cambridge ‘Philological Society’*, 17, 1971. p. 1-16

BAÑOS, José Miguel; CABRILLANA LEAL, Concepción. El orden de palabras en latín: sintaxis y pragmática. *Biblioteca de Recursos Electrónicos de Humanidade*. Tema XXIII, 2. ed. revisada y ampliada. Madrid: Liceu, 2008. (Disponibile en: <https://docslide.com.br/docu-ments/banos-leal-orden-de-pal.html>)

BORTOLUSSI, Bernard. Ordre des mots et thématization en latin. *Linx* [En ligne], 55, mis en ligne le 21 février 2011, consulté le 13 octobre 2012. Paris: Université Paris Ouest, 2006. (disponible à: <http://linx.revues.org/378>)

CABRILLANA LEAL, Concepción. Panorama de los estudios sobre orden de palabras en latín. *Minerva* 7, 1993. p. 223-254

_____. *Orden de palabras en Cic., Ad Atticum, I*. Tesis Doctoral (Facultad de Filología, Departamento de Filología Griega y Latina. Universidad de Sevilla). Sevilla: Universidad de Sevilla, 1991.

DEVINE, Andrew M.; STEPHENS, Laurence D. *Latin word order: Structured meaning and information*. New York: Oxford University Press, 2006.

FUGIER, Huguette. Le syntagme nominal en latin classique, dans W. Haase (éd.). *Aufstieg und Niedergang der römischen welt* 2, 29, 1. Berlin/New York: W. de Gruyter, 1983. p. 212-69.

HOFF, François. L'ordre des mots chez César: les groupements adjectif-nom-génitif rares. *Lalies*, n. 15. Paris, 1994. p. 245-257.

_____. L'ordre des mots dans les syntagmes nominaux complexes et latin classique: 'Magnum fructum studiorum optimorum'. Dans: *Dialnet, Lalies*, n. 23. Paris, 2002. p. 205-223.

LISÓN HUGUET, Nicolás. *El orden de palabras en los grupos nominales en latín*. Zaragoza: Presses Universitaires, 2001.

MAROUZEAU, Jules. *A ordem das palavras em latim*. Trad. de José Mario Botelho. Rio de Janeiro: Autografia, 2017, título original: "L'ordre des mots en latin", 1953.

_____. *L'ordre des mots en latin*. Volume complémentaire avec exercices d'application. Paris: Les Belles Lettres, 1953.

_____. *L'ordre des mots dans la phrase latine*. v. III. Les Articulations de l'énoncé. Paris: Les Belles Lettres, 1949.

_____. *L'ordre des mots dans la phrase latine*. Tomo I – Les Groupes Nominaux. Paris: Librairie ancienne honoré champion, Éditeur, 1922.

_____. *Place du pronom personnel sujet en latin*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1907.

NEUBOURG, Leo de. Arguments supplémentaires em faveur de l'analogie dans l'ordre des mots em latin. *Orbis* 27, 1978. p. 352-72.

PANHUIS, Dirk G. J. The communicative perspective in the sentence. A study of Latin word order. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1982.

PINKSTER, Harm. *Sintaxis y semântica del latín*. Trad. por M. Esperanza Torrego e Jesús de la Villa. Madrid: Ediciones Clásicas, 1995.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

RUBIO, Lisardo. El orden de palabras em latín clásico. En: RUBIO, L. F. *Introducción a la sintaxis estructural del latín*. Barcelona: Ariel Editorial, 1982. p. 191-220

SPEVAK, Olga. *Constituent order in classical latin prose*. Studies in Language Companion. Series 117, Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins, 2010.